

«Tudo o que
Sarah MacLean escreve
é perfeito.» Booklist



SÉRIE
HELL'S BELLES
VOLUME 2



SARAH
MACLEAN

QUEBRA-
CORAÇÕES

TOP
SEL
LER

Para Louisa, a melhor de todas

Adelaide



*Capela de St. Stephen
South Lambeth
Outubro de 1834*

Nuvens de tempestade, dizia-se, abençoavam o dia do casamento.

O negrume do céu por cima dos votos de casamento, dizia-se, seria o ponto mais negro de toda a união. Os aguaceiros, dizia-se, levariam de enxurrada a má fortuna no caminho do casal, deixando diante dele unicamente o futuro, pleno de felicidade.

Bem vistas as coisas, dizia-se, o casamento era o mais feliz dos dias — o momento para noivas castas e noivos inexperientes e vestidos novos e famílias a transbordarem de alegria com a perspectiva de duplicarem de tamanho. Qual o problema de haver um pouco de chuva, perante a promessa de tal felicidade?

O mau tempo, dizia-se, seria o pior do dia e da união.

Porém, e se o tempo não fosse o pior do dia? Que seria da união, nesse caso?

Nessa manhã de finais de outubro, enquanto escutava a chuva, que caía a cântaros, e os trovões, que faziam estremecer as traves do telhado, Adelaide Trumbull, diante do altar da capela de St. Stephen, em South Lambeth, envolvida pelo cheiro a incenso e a velas derretidas, no seu vestido roubado durante a noite à melhor modista de Mayfair, considerava a possibilidade de tudo isso que se dizia estar *errado*.

Não havia ponta de vergonha em Adelaide, 21 anos, filha de Alfie Trumbull, um brutamontes com um punho do tamanho da cabeça de um homem. Alfie aplicara afincadamente essa arma de peso assim que crescera o bastante para conseguir desferir um soco, e construíra um pequeno império, por assim dizer, em South Bank, o quartel-general dos Bulls, um bando de ladrões e malfeitores batizado com o nome do homem que os juntara. Adelaide rapidamente aprendera que, se queria sobreviver ao domínio violento do pai, tinha de ganhar o seu sustento e, aos 6 anos, era uma das melhores carteiristas de South Bank — dona de dedos longos, finos e rápidos que sacavam um relógio de bolso e cortavam uma bolsa sem que o seu alvo desse conta.

Uma princesa dos gatunos.

E quando chegou o momento de casar, não havia qualquer dúvida de que o pai escolheria o noivo — afinal, era esse o papel dos reis. Casar as filhas em troca de território, poder ou um incremento exponencial do seu exército.

Não importava que Adelaide fosse demasiado alta e sem graça, ou que John Scully não tivesse absolutamente nenhum interesse nela. Oh, ele sorria quando ela entrava numa sala, e estivera muito disponível para experimentar o produto, o que o pai, praticamente, insistira em que ela permitisse, e quando falava, fazia-o com a conversa fiada de um homem que sabia que as moscas se apanham com mel. Mas não tinha qualquer interesse em apanhar Adelaide, por isso ela supunha que, assim que fosse apanhada, houvesse muito mais vinagre do que mel.

O que importava era o facto de Scully ser o líder dos Boys, um gangue mais pequeno e mais recente, que começava a ganhar influência em South Bank. Mais anarquia do que organização, os Boys constituíam perigo para os residentes, para os negócios e para o reino que pertencia a Alfie Trumbull — um homem fortemente crente no adágio que diz que devemos manter os amigos perto, e os inimigos ainda mais perto.

Se isso significasse sacrificar-lhes a filha, que assim fosse.

Adelaide não gostava do pai. E duvidava muito que fosse gostar do novo marido. Mas esta era a vida em que tinha nascido e, se tivesse sorte, talvez sobrevivesse melhor ao casamento com um monstro do que a sua própria mãe. Talvez John Scully morresse jovem.

O troar medonho de um trovão levou Adelaide a ponderar que desejar a morte de um noivo na presença do vigário, contrariaria provavelmente a boa sorte concedida pela chuva torrencial que caía lá fora.

Uma gargalhada louca borbulhou de dentro dela. Ninguém reparou.

Ajustou os óculos e levou os dedos ao pescoço, que a gola de renda do vestido que fora feito para outra apertava demasiado.

O padre não parava de falar, as suas palavras uma torrente gaguejada de disparates, nascida, decerto, do medo do que podia acontecer se falhasse em seguir as instruções.

Adelaide distinguiu qualquer coisa acerca de Canaã da Galileia, enquanto lançava um olhar ao homem que ia desposar — baloiçando para trás e para diante em cima dos calcanhares, como se tivesse outro sítio onde estar. O olhar dela deslizou depois para a mãe dele, sentada no primeiro banco — o que escondia a entrada para a cave onde estavam armazenadas meia dúzia de caixas de armas, aguardando qualquer guerra que Alfie havia de travar a seguir. O olhar da mulher mais velha era severo, como se estivessem diante de um magistrado e não de um pastor.

A atenção de Adelaide passou para os outros da fila. Duas jovens, irmãs de Scully, que pareciam prestes a cair na inconsciência, de tão entediadas. Atrás delas, uma fila de homens. Irmãos de Scully, um de sangue e os restantes de armas. Ao que parecia, seriam, em breve, também seus irmãos. Hediondamente abrutalhados, sobranceiras que lhes desciam sobre os olhos, bastante pesadas para fazer sombra aos narizes, tantas vezes partidos que *esmagados* descrevia melhor o seu estado. Também estavam inquietos.

Um observador externo poderia pensar que os movimentos eram o resultado do temor coletivo das almas. Que a casa de Deus não era a sua localização favorita num sábado de manhã.

Mas esta não era uma casa de Deus normal, e Adelaide não era uma observadora externa.

O padre continuou, encontrando clareza suficiente para dizer algo acerca do fogo do inferno, que Adelaide achou um tanto despropositado para um casamento, mas talvez ele procurasse conduzir a assembleia para a luz.

Boa sorte para ele.

Mudou de posição, apenas o suficiente para relancear o pai pelo canto do olho. Apenas o suficiente para ver que ele não estava a observar a cerimónia. Ao invés, olhava por cima da cabeça dela, para além do padre, para os vitrais das janelas.

Os seus dedos sapudos tamborilavam sobre o joelho. Os maxilares moviam-se como se mastigasse um lado da língua — um indício de que, como Adelaide aprendera precocemente, ela devia arranjar maneira de escapar da sala, e depressa. Semicerrando os olhos por trás dos óculos, olhou para as botas dele, ainda enlameadas da passagem pelo bairro pobre. Ali, encostado ao tacho de uma, estava o cabo de madeira do bastão que era a arma preferida do pai.

E foi então que compreendeu que não iria casar-se nesse dia. Não se tratava ali de uma fusão, mas de uma conquista; o seu pai planeava matar o seu noivo.

Voltou rapidamente a atenção para o padre, dominada pelo instinto. Havia um cálice no altar atrás dele. Mas, provavelmente, era feito de peltre. Não era bastante pesado. Não, sair-se-ia melhor com o castiçal de bronze. O pequeno, do lado mais afastado do altar. Ela teria de chegar lá primeiro, subindo dois degraus. *Os castiçais seriam sagrados?* Adelaide baixou as mãos para as saias, começando a ficar muito irritada. Se soubesse que teria de lutar, teria recusado aquele vestido. Rodou um ombro dentro do corpete demasiado apertado. Não tinha hipótese de dar balanço suficiente àquele castiçal para causar dano. E precisava de ser capaz de causar dano.

Que espécie de animais transformavam um casamento numa guerra por território?

E, mais importante, de que é que estavam à espera?

— Se algum dos aqui presentes...

Adelaide revirou os olhos. *Claro*. Ninguém gostava mais de teatro do que um criminoso de longa data, que se julgava um herói.

— ... conhece alguma razão para que estes dois não possam unir-se no matrimónio sagrado...

Ao lado dela, Scully mexeu-se, deslizando a mão para dentro do casaco, onde sem dúvida tinha uma faca embainhada. O pai não era o único ávido de sangue.

— Oh, por amor de Deus — murmurou ela.

O padre lançou-lhe um olhar reprovador, como se nenhuma noiva pudesse sequer considerar falar naquele momento.

— ... que fale agora, ou cale-se para sempre.

Por um momento, o silêncio abateu-se, longo e pesado, e por um instante Adelaide pôs a hipótese de estar enganada.

Susteve a respiração ao ouvir o estrondo de um trovão que encheu a igreja, reverberando nas pedras seculares.

Começou a guerra.

Os presentes estavam de pé, voavam punhos, desembainhavam-se lâminas, um ou dois alfinetes de cabelo entraram na refrega, tudo pontuado por grunhidos e guinchos.

Adelaide dirigiu-se ao castiçal. Ágil e rápida, como sempre fora — como tinha sido treinada desde os 4 anos. De caminho para esse troféu de bronze, fez a outra coisa que fazia desde os 4 anos — esvaziou algibeiras. Não era tola, sabia que depois daquela contenda podia bem ficar por sua conta, sem nada além de um vestido de noiva roubado e demasiado apertado, e nem uma moeda. Anos na rua tinham-na ensinado a planejar a luta e a preparar a fuga.

Pilhou três relógios — um enquanto se esquivava a um soco impressionante — e duas bolsas pesadas, e introduziu tudo nas mangas do vestido enquanto se dirigia ao seu objetivo. Levantando as saias demasiado curtas, subiu os degraus a correr, passou pelo padre, agora acoitado atrás do altar — o sítio mais seguro para um clérigo se esconder enquanto a sua capela emprestada se tornava palco de uma batalha sangrenta.

Um grito veio de trás, demasiado perto, e ela virou-se e viu um dos homens de Scully estender os braços para ela, com o rosto corado.

— Onde é que ias, mulher? — Tentou agarrar-lhe a parte de trás do vestido, mas o tecido estava colado à pele e não cedeu.

Adelaide acelerou e pegou no castiçal, virando-se imediatamente e usando toda a força que conseguiu reunir para o fazer recuar.

— Contigo, a lado nenhum!

Ele gemeu e segurou a arma que ela empunhava, puxando-a para si um momento antes de perder a consciência, mas Adelaide estava preparada e soltou o castiçal enquanto ele caía como uma árvore. Parou por meio segundo — menos — para considerar as suas opções, com a mente disparada. *Ela queria aquela luta?*

Era uma luta dela?

Foi poupada a ter de responder quando uma mão pousou no seu ombro. Antes de poder virar-se e lutar, foi puxada, de costas, através de uma porta escondida atrás do altar.

Esta fechou-se com um pequeno ruído seco e o som da batalha do outro lado desvaneceu-se, abafado pela madeira e pela pedra, pela distância e pela chuva infernal, que batia com força nos vitrais das janelas por cima dela.

Os vitrais cobertos de fuligem mal deixavam passar a pouca luz do céu cor de chumbo. Adelaide pegou na primeira arma que conseguiu encontrar. Virando-se para a porta, brandiu o livro... e baixou-o imediatamente.

A mulher junto da porta sorriu.

— Decidiste não me espancar?

— Calculo que o castigo eterno não seja fácil para aqueles que batem em freiras — respondeu Adelaide.

— E pior ainda para aqueles que batem em freiras com a Bíblia Sagrada.

Adelaide colocou o livro no seu lugar. A freira passou por ela e foi ao outro extremo da sala, de onde tirou, de um armário baixo, um cesto tapado. Pousou-o na mesa entre ambas, ao lado da Bíblia, depois recuou.

Adelaide contemplou o cesto e a mulher, desconfiada.

— A senhora não se parece com nenhuma freira que eu tenha conhecido.

— Já conheceu muitas freiras?

Ela considerou a pergunta. Não conhecera, mas não era essa a questão. Empurrou os óculos no nariz.

— Está a favor de quem?

A mulher ergueu as sobancelhas.

— Não é óbvio?

— Quero dizer, está pelos Bulls, ou pelos Boys?

A freira inclinou a cabeça.

— Podia fazer-te a mesma pergunta.

Por nenhuns.

Adelaide manteve-se em silêncio.

— Imagina isto, Adelaide Trumbull — disse a freira, com os seus olhos azuis penetrantes e cheios de verdade. — E se eu estivesse por *ti*?

Adelaide ergueu o queixo. E se houvesse um terceiro caminho? Um caminho melhor?

Impossível. Não havia caminhos melhores para as raparigas nascidas em Lambeth. Nem sequer para as princesas aí nascidas. Especialmente para as princesas.

Lá no alto, Adelaide encontrou o rosto de uma das figuras no vitral e deu por si a invejar a posição da mulher amortalhada. Inidentificável. Invisível para todos, exceto uns poucos. Sem importância. A chuva embatia na janela, ameaçando despedaçar os painéis de vidro azul, já rachados, que compunham o rosto da figura.

Um grito vindo da outra sala quebrou o silêncio.

— Precisas de um sítio para guardar o teu saque, não precisas?
— A freira que não parecia uma freira apontou novamente para o cesto.

Adelaide olhou bem nos olhos da mulher, sentindo o trio de relógios de bolso pesados e quentes de encontro à sua pele, debaixo da manga.

— Qual saque?

A freira ergueu uma sobrancelha cúmplice.

Adelaide aproximou-se do cesto, sem saber o que este ia revelar, e sabendo que, fosse o que fosse, mudaria a sua vida. Possivelmente, não para melhor.

Embora, para ser honesta, as coisas não pudessem ficar muito piores.

Levantou a tampa e viu um pequeno retrato numa moldura de prata redonda. Olhou para a mulher que a observava atentamente do outro lado da sala.

— Eu.

— Para que saibas que o que está lá dentro foi sempre para ti. Adelaide considerou a porta e o que estava do outro lado.

— Sabia o que ele planeava — disse.

O pai. A batalha do outro lado. A guerra que se seguiria.

Um aceno de confirmação.

— Quem mais sabia?

Uma ligeira inclinação de cabeça.

— Isso fica para mais tarde.

— Como sei que o mais tarde existe?

— Como sabes que existe um mais tarde lá fora?

A freira tinha razão. Adelaide meteu a mão no cesto e extraiu uma pilha de roupa. Calças. Uma boina. Camisa, colete e casaco. Um guarda-chuva preto.

— Eles estarão à procura de uma noiva — explicou a outra mulher, erguendo o queixo na direção do altar, onde metade dos músculos de Lambeth tinham já, sem dúvida, pintado de vermelho as pedras da igreja. — Uma noiva com um vestido roubado.

Adelaide compreendeu. A roupa era um disfarce — que nunca resultaria a longo prazo, mas serviria perfeitamente nos trinta minutos seguintes. Nos trinta metros seguintes, depois de ela abrir a porta e sair para a chuva.

Só que...

— Não tenho para onde ir — disse ela, abanando a cabeça. As princesas não saíam dos seus reinos. Quem eram elas sem eles?

A freira apontou para o cesto.

— Tens a certeza?

Adelaide espreitou para o cesto agora vazio e no fundo vislumbrou um pequeno cartão de visita azul, grosso e luxuoso — o papel mais requintado que já tinha visto, com um lindo sino índigo impresso. Embora o retângulo fosse das dimensões de um cartão de visita, não tinha nome. Só aquele sino, e uma morada em Mayfair.

O sino, a morada e, quando o virou, a mensagem.

Está na altura de desapareceres, Adelaide.

Vem visitar-me.

Duquesa

Desta forma, o terceiro caminho abriu-se diante de Adelaide, claro e desimpedido.

E ambicionado.

Afinal, o que se costumava dizer estava certo.

A chuva abençoava um dia de casamento.

Capítulo 1



South Bank

Cinco anos mais tarde

Havia uma série de palavras que Londres poderia usar para descrever Adelaide Frampton.

A norte do rio, em Hyde Park, na Bond Street e nos bailes de Mayfair, quando as pessoas se referiam à prima afastada da Duquesa de Trevescan, o que era raro, usavam palavras como *feia*. Se alguém insistisse, poderiam acrescentar *alta*. Ou, talvez, *vulgar*. Decerto, *solteirona* não estava fora do reino das possibilidades para a mulher de 26 anos que não tinha qualquer esperança de pretendentes, com aquele cabelo ruivo sempre acamado sob uma imaculada touca, aqueles colarinhos altos e *fora de moda*, os vestidos *cinzentões* e o rosto *comum*, sem *rouge* nem *kohl*.

Quase invisível, raramente audível, sem título ou fortuna, nunca gracejando, destituída de encanto ou de qualquer dom extraordinário. *Desinteressante*. *Simplória*. *Sem nada de notável e por isso nunca notada*, acolhida em Mayfair apenas graças a um parentesco distante.

A sul do rio, contudo, em armazéns e lavandarias e instituições, nos bairros pobres e nas ruas onde fora criada não como Adelaide Frampton, mas como Adelaide Trumbull, ela era uma lenda. Rapariguinhas de toda a Lambeth aconchegavam-se na cama à noite, ávidas de esperança e da promessa de um futuro, e as suas mães e tias e irmãs mais velhas sussurravam-lhes as histórias de Addie Trumbull, a maior carteirista que South Bank já

conhecera — dedos tão rápidos que não fora apanhada uma única vez — e um futuro tão brilhante que combatera na guerra que fundira os Bulls e os Boys, garantindo que o pai se tornava rei de ambos, antes de partir para um futuro longe das nuvens de carvão e da imundície de Lambeth.

Addie Trumbull, prosseguia a história, *deixara de ser princesa e tornara-se rainha*.

É notável como as lendas cresciam sem provas, mesmo em lugares onde o solo era salgado e os campos estavam em pousio. Especialmente nesses lugares.

Não importava que Addie nunca tivesse regressado. A prima de uma amiga da irmã de alguém trabalhava como criada na corte da nova rainha, e vira lá Addie. Era casada com um homem rico e bom, dormia em penas de ganso, usava vestidos de seda e comia em pratos dourados.

Durmam bem, pequeninas; se forem boas e aprenderem cedo a cortar bolsas e a fugir depressa, também vocês poderão ter um futuro como o de Addie Trumbull.

Lenda. Mito. Luminária.

Inimaginável.

Contudo, como em todos os boatos da margem norte do rio, e todas as histórias da margem sul do mesmo, a verdade era um pouco de cada um e muito de nenhum. E, assim, Adelaide permanecia um mistério em ambos os lugares, o que lhe servia muito bem, pois o facto de não ser *notada* nem *imaginável* dotava-a, igualmente, da única qualidade que ela queria ter — invisibilidade.

E assim, eis a verdade: Adelaide Frampton era a melhor ladra que Londres já conhecera.

A sua invisibilidade estava totalmente exposta naquela particular tarde de outubro de 1839 quando, com o Sol outonal a baixar no céu, entrou no armazém que funcionava como quartel-general do maior bando de músculos que podiam ser contratados em Londres, os Bully Boys de Alfred Trumbull. O grupo fora rebatizado na sequência da sua violenta fusão no dia do seu casamento fracassado, com uma justaposição de palavras concebida pelo pai — um homem que sabia muito bem como um presente barato podia atrair homens maus para uma causa.

Tinham passado cinco anos desde a última vez que Adelaide vira o interior do armazém — cinco anos desde que saíra de Lambeth e começara uma nova vida do outro lado do rio —, mas lembrava-se do lugar como se o tivesse visto no dia anterior. Continuava a rebentar pelas costuras com os bens roubados pelo bando — bebidas alcoólicas e joias, sedas e libras esterlinas, e uma coleção de armas de fogo que poderia rebentar com eles todos, considerando a notória falta de sensatez do grupo.

Usando um casaco azul-marinho de golas altas, apumado sobre uma camisa escura e saias sem cor, Adelaide atravessou o edifício. As roupas, juntamente com a touca cinzenta e sem adornos que lhe escondia o cabelo, eram concebidas para facilitar os movimentos precisamente durante aquele género de atividade, assegurando que, quando se acoitava nas sombras ou se acorava atrás dos caixotes de contrabando, desaparecesse por completo.

Três patrulhas diferentes atrasaram a sua passagem até ao piso superior, onde ficava o escritório, agora vazio, do pai. Alfie Trumbull tomava «chá» todas as tardes, às 16 horas, no Wild Pheasant — um bordel que possuía nas sombras do Palácio de Lambeth. A localização do estabelecimento, a poucos metros do sítio onde o arcebispo de Cantuária deitava a cabeça, era sem dúvida parte do seu encanto para Alfie, que sempre se achara o mais superior dos seres.

A primeira patrulha forçara-a a uma paragem rápida atrás das escadas no piso térreo, a segunda fizera-a esconder-se num canto das traseiras do armazém e a terceira quase a apanhara a introduzir-se no escritório do pai, obrigando-a a deslizar entre vários barris grandes de whisky até que eles se fossem embora.

Cinco anos e, enquanto o mundo mudava a grande velocidade fora daquelas paredes, não havia absolutamente nada de diferente nos domínios de Alfie. A mesma escala de patrulhas. Os mesmos esconderijos. As mesmas conversas — um assalto que mandara um rapaz para a mesa do cirurgião na noite anterior mas rendera uma boa maquia.

Adelaide esperou que eles saíssem, grata por o pai continuar a preferir vigilantes com mais músculos do que cérebro. Quando se foram embora, Adelaide entrou no espaço de trabalho e imobilizou-se com a surpresa.

Nem tudo estava igual. O pai comprara uma secretária. Uma secretária com gavetas e cadeados e um lustro que, imaginou Adelaide, lhe daria um grande orgulho sempre que se sentava atrás dela.

Não ia ficar nada satisfeito quando percebesse que os seus cadeados não detinham um ladrão.

Num movimento lesto, Adelaide extraiu uma caixa de rapé do fundo bolso interior do casaco e puxou uma longa corrente de ouro que usava sob a gola da camisa. Na ponta da corrente pendia um estreito tubo metálico, cujo extremo removeu e abriu para revelar as cabeças de uma dúzia de chaves em latão. Em segundos escolheu a adequada e fixou-a no pendente.

Girando a sua recém-criada chave na fechadura da secretária, sentiu prazer ao ouvir o estalo seco das ganchetas da fechadura no interior e começou a sua busca. Não encontrou o que procurava nas duas primeiras gavetas. Também não estava na última gaveta, trancada, da pesada secretária. Porém...

Extraiu três pesados livros de registos da gaveta, funda e bem apoiada nos rolamentos — o pai não se poupava a despesas — e pousou-os na secretária, calculando o seu peso antes de recuar na cadeira e considerar o exterior da própria gaveta. Um sorrisinho brincou-lhe nos lábios. Afinal, Alfie Trumbull não confiava nos seus rapazes.

Deslizando os dedos sobre a madeira do interior, Adelaide encontrou em segundos o trinco escondido e abriu-o para revelar o compartimento secreto sob o fundo falso da gaveta.

— Aí estás tu — sussurrou triunfante, erguendo o minúsculo caderno preto, tão perfeito que cabia no bolso de um cavalheiro. Abriu-o, confirmando que se tratava do que procurava: as localizações dos 11 esconderijos de munições que os Bully Boys mantinham na cidade, juntamente com os nomes dos Boys responsáveis por cada um, as escalas do render dos guardas e a proveniência de cada uma das armas, tudo meticulosamente registado pelo próprio Alfie Trumbull.

Introduzindo o livro no seu próprio bolso, Adelaide estava a devolver a gaveta à sua posição original quando o seu olhar recaiu noutro item que estava escondido no compartimento secreto.

Um bloco de madeira perfeitamente normal.

Franzindo ligeiramente a testa, pegou-lhe e ergueu o cubo de quinze centímetros. Uma vida de roubos ensinara a Adelaide que as coisas vulgares raramente o eram — especialmente quando o pai as guardava em gavetas de fundo falso —, e assim, fez o que fazia frequentemente quando algo lhe despertava curiosidade.

Levou-o consigo.

A luz esmorecia rapidamente dentro do edifício, por isso trabalhou depressa. Voltou a colocar o fundo da gaveta, devolveu os livros de contas, desmontou a chave e levantou-se, guardando a caixa de rapé e segurando o cubo de madeira debaixo do braço.

— Isso não lhe pertence.

Com o coração quase a saltar-lhe pela boca, olhou para a porta, ao mesmo tempo que deslizava a mão livre para dentro das saias, até ao bolso falso na coxa onde guardava a faca. Embora preferisse permanecer invisível e não armar confusão nas suas missões, não excluía a hipótese de uma luta com este rufia, se tivesse de ser.

Ele era o oposto de invisível: alto e enxuto, perfilava-se nas sombras, mesmo à entrada do escritório, com uma boina puxada sobre a testa, que fracassava totalmente em esconder as linhas bem definidas da sua cara formosa — um nariz longo e direito e um queixo muito definido, que parecia ter sido afiado pelo melhor dos amoladores.

Este não era um dos rufias do pai.

Mesmo que ela não o tivesse ouvido na sua voz digna, ou não o tivesse visto naquela atitude de quem nunca imaginou que não pertencia a um lugar — ainda que esse lugar fosse um armazém escuro, detido por um criminoso empedernido... mesmo que ele não parecesse ter passado a juventude a aprender esgrima e não luta... era o nariz que o denunciava.

Nunca passara uma única noite com fome. Nunca tivera de lutar pela sua segurança ou pelo seu jantar. Nunca tivera de roubar porque, obviamente, nascera com tudo.

O homem era rico.

E ia fazer com que fossem ambos apanhados.

Adelaide pôs-se de pé e contornou a secretária para se dirigir à porta, recusando-se a olhá-lo ou a dirigir-lhe a palavra, considerando as suas opções. Não podia esfaquear um endinheirado. Mas podia decerto dar-lhe um soco, se ele não a deixasse sair da sala.

Porém, quando chegou à porta, ele travou-a. Não lhe tocou — limitou-se a pôr uma mão na maçaneta e a dizer:

— Mais uma vez, isso não lhe pertence.

— E então? — retorquiu ela. — Pertence-lhe a si?

Ele ficou rígido ao ouvir as palavras, como se estivesse ofendido por ela se dignar responder-lhe. Definitivamente, endinheirado. Sem qualquer direito àquele lugar. E ousava dizer-lhe a ela — Adelaide Frampton, a melhor ladra que Lambeth já vira — o que podia e não podia roubar? O homem devia reconhecer os seus melhores.

— Na verdade, sim.

Surpreendida, ela ergueu o olhar para o seu rosto, para além da barba áspera no queixo e da pala inclinada da boina — uma fraca tentativa de se disfarçar, porque Adelaide reconheceu-o instantaneamente. E conteve um resmungo.

Ele não era só endinheirado. Não era só um *janota qualquer*.

E, definitivamente, não era *formoso*.

O homem diante dela era o Duque de Clayborn. O piorio da aristocracia, altivo, parecendo que tinha um pau de vassoura enfiado no...

— Olá!

O grito veio do outro lado da porta, onde ela viu um vigilante com algum tamanho dirigir-se a eles, fixando nela os olhos brilhantes.

Lá se ia a invisibilidade.

— Caramba, Clayborn — sussurrou ela, apertando a caixa com força. — Tinha de aparecer aqui e fazer com que nos matassem aos dois.

Ele não conseguiu esconder a expressão de surpresa.

— Reconheceu-me?

Claro que tinha reconhecido. Reconheceria *aquela* duque em qualquer sítio. Era impossível não o reconhecer. A última vez que tinham estado assim tão próximos um do outro, encontravam-se a norte do rio, no coração de Mayfair, e ele humilhara cruelmente Adelaide — o género de humilhação que os homens ricos, titulados e arrogantes adoravam infligir com desdém frio às mulheres de posição social muito inferior à deles. Tivera sorte por ela não ter o costume de empunhar a sua faca num jantar.

Contudo, se alguém podia levá-la a fazer uma coisa dessas, era aquele homem.

Severo e frio... e absolutamente incapaz de se manter invisível.

— Vocês aí! Que estão a fazer no escritório do Alfie?

Adelaide não esperou. Partiu imediatamente, esgueirando-se por baixo do braço do duque e fugindo do guarda pelo corredor.

— Merda, rapazes! Há aqui intrusos!

— É a minha deixa — disse ela antes de voar pelas escadas abaixo até ao primeiro andar do armazém, calculando que tinha menos de um minuto para desaparecer nas sombras. Se pudesse chegar ao extremo do edifício, onde a grande porta estava aberta para a rua que escurecia rapidamente, poderia desaparecer.

Só que não estava sozinha.

O Duque de Clayborn acompanhava cada um dos seus movimentos, de pés ligeiros e com mais rapidez do que ela podia esperar de um homem do seu tamanho, mas não menos difícil de esconder. O que não era problema dela.

Atirou-lhe um olhar.

— Desapareça, duque.

— Nem pensar.

Com um suspiro irritado, Adelaide deitou um olhar para trás de si ao deixarem a escadaria, vendo o seu perseguidor original a meio das escadas e três outros vindos de baixo. Reprimindo uma imprecação, percorreu uma longa fila de caixotes empilhados antes de se esconder atrás de um.

Ele fez o mesmo e agachou-se ao lado dela, mal deixando passar um momento antes de inalar, claramente planeando dizer qualquer coisa.

Adelaide tapou-lhe a boca com a mão, sentindo o tufo da barba de um dia áspero e, ao mesmo tempo, macio nos seus dedos. Não que ela estivesse interessada na sensação dele de encontro aos seus dedos. Se o fogo no seu olhar azul indicava alguma coisa, isso também não lhe interessava. Ele estava aborrecido, sem dúvida, por ela assumir o comando. Bem, teria de se acostumar, se queria sair dali incólume.

Ela abanou a cabeça e apontou para além da pilha de caixotes, onde dois dos guardas de Alfie Trumbull procuravam meticolosamente no corredor. Inclinando-se para ele, perguntou-lhe ao ouvido, quase sem emitir um som:

— Sabe lutar?

Como ela mantinha a mão sobre a sua boca, ele ergueu uma sobrancelha altiva, numa sua resposta ofendida e clara como água. *Claro que sei lutar.*

Provavelmente não lutava nada de jeito — os aristocratas eram geralmente inúteis —, mas não havia escolha. Há dezasseis anos que Adelaide conseguia sempre escapar-se, e não era agora que ia ser apanhada. Os homens aproximavam-se.

Soltando-o, ela moveu silenciosamente a planta dos pés e procurou sob as saias, deslizando a lâmina da bainha dentro da bota com uma mão e segurando o cubo de madeira com a outra. Encostou um ombro à pilha de caixotes que os ocultava.

Cinco metros.

Ele imitou a sua posição, de frente para ela, o ombro encostado à madeira áspera.

Dois.

O couro das luvas dele estalou quando cerrou os punhos. Ia precisar deles. O que estavam prestes a fazer atrairia para ali todos os guardas do local.

Um.

Rezando para que ele soubesse realmente lutar, ela acenou com a cabeça uma vez. Duas.

— Agora — disse ele, apenas mexendo os lábios.

Empurraram em conjunto, fazendo tombar os caixotes na direção do par de rufias que estava quase em cima deles.

Gritos gémeos foram pontuados por um estrondo de fazer doer os ouvidos, mas Adelaide não ficou para contemplar a sua obra. Em vez disso, correu para as escadas defronte do armazém — as que levavam à rua e à liberdade.

Clayborn seguia logo atrás dela e, sem olhar para trás — não tinha tempo — gritou-lhe:

— Isto não é sítio para um duque.

— E é o sítio ideal para uma senhora, não é? — retorquiu ele.

Ela não era uma senhora, mas não o corrigiu, dizendo a si própria que era por estar demasiado ocupada a descer as escadas. Encaminhou-se para a porta, onde dois guardas esperavam. Sem hesitar, bateu na cabeça de um com o bloco de madeira.

— Estava a correr-me muito bem antes de o senhor aparecer.
— Baixou-se quando o outro homem atirou com um punho do tamanho de um fiambre à sua cabeça.

Ouviu-o colidir com um baque pesado, e algo que não lhe agradou fê-la virar-se para ver o que tinha acontecido.

Clayborn detivera o golpe com uma das suas grandes mãos.

— Isso não foi muito cavalheiresco — notou, muito calmo, fazendo o brutamontes arregalar os olhos às suas palavras.
— E tens sorte por não teres acertado na senhora. — Rematou a afirmação com um excelente soco que pôs o vilão de joelhos.

Os olhos de Adelaide arregalaram-se de surpresa ante o homem desmaiado.

— E se ele me *tivesse* acertado? — Quando o duque não respondeu, ela acrescentou: — Parece que *sabe* mesmo lutar.

Ele atirou-lhe mais um olhar irritado.

— Eu não minto.

Claro que ele ficou ofendido com aquilo. Honestamente, até admirava que South Bank não tivesse irrompido em chamas com a chegada do Duque de Clayborn, qual anjo julgador.

Ela mal teve tempo para revirar os olhos antes de recomeçarem a marcha para saírem do armazém. Uma vez na rua, Adelaide escondeu-se rapidamente atrás de uma pilha de lixo e devolveu a faca ao bolso da saia, onde tinha uma bainha firmemente apertada à coxa.

Clayborn observou-a e ela fez por ignorar o calor que, estranhamente, emanava do seu olhar frio.

— É a prima da Duquesa de Trevescan, não é?

Ela escondeu a surpresa que sentiu por ele a identificar. Para uma mulher treinada a permanecer não notada e invisível, ser o foco da atenção total do Duque de Clayborn revelou-se perturbador, especialmente quando ficou claro que o seu segredo fora revelado e que ele era muito capaz de voltar a Mayfair e anunciar a toda a cidade de Londres que ela não se parecia nada com a prima de uma aristocrata. Ainda assim, Adelaide manteve o arrojo.

— O que foi? Vossa Graça não tem nenhum fruto notável na sua árvore genealógica?

Ele observou-a por um momento e depois disse:

— Ninguém tão notável como a menina.

Oh. Ela voltaria a estas palavras mais tarde.

Agora, porém, Adelaide tinha outro sítio aonde ir.

— Só o acompanhamento até aqui. Eles não virão atrás de um aristocrata à luz do dia, mas é melhor apressar-se, se quiser evitar um encontro com a nata de Lambeth.

Antes de ele poder responder, ela desaparecera na multidão da tarde, sabendo que, se *ela* fosse apanhada, não haveria misericórdia.

Para Adelaide Frampton, *née* Trumbull, a luz do dia em Lambeth era de pouco conforto, visto que o seu pai e os Bully Boys geriam todo o South Bank, e ela não encontraria qualquer ajuda neste lugar — não por não ter apoiantes, mas por lhes faltar força para desafiar o maior bando londrino de rufias de rua.

Ela compreendia intimamente essa verdade; apenas ganhara força para combater os Bully Boys quando deixara a lama de Lambeth, por isso não censurava aqueles que não tinham meios de fazer o mesmo.

Numa questão de minutos os brutos tombados no armazém transformar-se-iam em meia dúzia lá fora, por isso Adelaide rumou a norte, esperando desaparecer no labirinto de ruas estreitas de South Bank — o labirinto que ela aprendera antes de aprender o próprio nome.

Infelizmente, os seus perseguidores tinham recebido as mesmas lições.

Ela dobrara meia dúzia de esquinas antes de ser encurralada, algures entre St. George's Circus e New Cut. Um dos homens de Alfie permanecia como uma massiva e silenciosa sentinela de um lado, e dois outros, de facas empunhadas, aproximaram-se por trás.

O grandalhão apontou com o queixo o cubo debaixo do braço de Adelaide.

— Trouxeste uma coisa que não te pertence, rapariga.

Ela levou uma mão à touca, esperando que esta impedisse o seu reconhecimento. Cinco anos não produzem um novo rosto, nem mudam a cor do cabelo.

— Mais do que uma, mas quem é que está a contar?

O companheiro do homem resmungou.

Adelaide apostaria tudo o que tinha em como aqueles dois não faziam ideia do que ela levava. Ela própria não fazia ideia, e era seguramente a mais inteligente dos presentes.

Porém, antes de poder dizer-lhes isso mesmo, o brutamontes atrás dela falou.

— Pousa isso no chão, rapariga, e ninguém se magoa.

Definitivamente, ela não ia devolver aquilo. Adelaide pegou no relógio e viu as horas. Raios. Ia chegar atrasada.

— Acho que, se eu pousar isto, alguém vai definitivamente magoar-se.

O homem sorriu, mostrando a falta de vários dentes, sem dúvida arrancados à pancada.

— Porque não experimentamos para ver?

O trio cercou-a, a sua falta de hesitação deixando pouco tempo a um corpo para calcular o seu próximo movimento — mas Adelaide não era um adversário qualquer. Sabia avaliar, em poucos segundos, a força com que teria de desferir o golpe para abater o Desdentado, quanto tempo demorariam os outros a chegar ao pé dela e o que precisava de fazer para os derrubar. Mediu ângulos, calculou força e previu tempos.

Baixou-se sobre um joelho. Pousou o cubo de carvalho no chão.

— É isso mesmo, amor — disse o Desdentado, agora mais próximo. Ela moveu a mão, procurando o bolso falso nas saias, para extrair a faca amarrada à coxa. E então... — Espera... — disse ele, com um tom de voz diferente. Já não cheio de desdém e desprezo.

Era cheio de outra coisa. De algo muito mais perigoso.

Reconhecimento.

— Tu és... — começou ele, mas antes de poder terminar o pensamento, soltou-se o inferno.

Ao ver a atenção do Desdentado desviada para a algazarra atrás dela, Adelaide virou-se e descobriu os dois brutos que se dirigiam a ela subitamente à bulha com o Duque de Clayborn.

Raios. Aquele homem tinha uma casa em Mayfair e um assento no Parlamento. Não tinha nada melhor para fazer do que segui-la pelas ruas de Lambeth?

Voltando à situação que tinha em mãos, baixou-se para pegar no bloco de madeira junto dos seus pés, segurou-o com as duas mãos e levantou-o com força para atirar o Desdentado ao chão. Já se afastara a correr antes de ele bater com a cabeça nas pedras da rua.

Um grito soou atrás dela.

Ela não devia olhar. Não pedira a Clayborn que se envolvesse. De certeza que não precisava de um protetor. Era bem feito para ele.

Além de que ela precisava de sair dali antes que mais alguém a reconhecesse.

Apesar de tudo, olhou, mesmo a tempo de ver um dos Bully Boys desferir um forte murro na cara do Duque de Clayborn.

Este lutou como se a sua vida dependesse disso. E dependia, supunha ela; os homens do seu pai não eram conhecidos pela piedade. Mas o duque fez a sua parte, desferindo golpe após golpe, pondo um dos opositores de joelhos antes de se virar para o outro e lhe dar um violento murro, fazendo o homem perder o equilíbrio e embater na parede mais próxima, onde se afundou lentamente no chão.

Adelaide observou até o corpo tombar, depois atentou em Clayborn.

— Impressionante.

Não conseguia ver os olhos dele nas sombras do final da tarde, mas sentia o seu olhar a examiná-la antes de pronunciar... umas palavras tão calmas e graves que ninguém diria ter acabado de sair de uma rixa num beco.

— Não tem de quê.

Sempre um sacana arrogante. Ela semicerrou os olhos para ele.

— Era para lhe agradecer?

— Sim. — Um músculo tremeu-lhe no queixo ao saltar por cima de um dos seus inimigos, os seus movimentos longos e graciosos. Não que Adelaide reparasse nisso. Nem pensar.

— Pelo quê?

Ele apontou para o chão.

— Não é óbvio?

Ela contemplou o homem que se retorcia aos pés dele.

— Oh, devo agradecer o seu presente? Como se fosse um gato a depositar um rato gordo à porta da minha cozinha?

— Pensei que podia agradecer-me por salvar o seu bonito...

Ela arregalou os olhos quando ele se interrompeu.

— Deveras, Vossa Graça, estáveis prestes a usar linguagem obscena?

Ele olhou-a, carrancudo.

— Confesso que me provoca essa tentação.

Ela gostaria de o tentar.

Mas de onde é que vinha isto?

Ele estendeu uma mão.

— A minha caixa, por favor.

Então, era uma caixa. Claro que era. Ela examinou o objeto, virando-o nas mãos enquanto recuava para a saída do beco, saltando agilmente sobre o corpo deitado de borco do seu oponente, colocando distância entre ambos.

— O que é que contém?

Ele cerrou os lábios numa linha fina e ela ignorou o quanto reparara nisso.

— Nada de importante.

— Alfie Trumbull achou que era bastante importante para a roubar.

— Alfie Trumbull achou que valia bastante dinheiro para a roubar.

Mas Alfie não gostava de roubos. Achava que não valia a pena o risco, em comparação com outros crimes mais amplos e lucrativos. Então, o que quer que estivesse na caixa, *valia* dinheiro. E *muito* dinheiro, se o pai correria o risco de a roubar a um duque.

Mesmo que não valesse dinheiro, trouxera um duque a Lambeth, pelo que, fosse qual fosse o conteúdo, era um segredo que valia a pena possuir.

Como Adelaide ganhava a vida a negociar com segredos de homens poderosos, e estava atualmente muito interessada em segredos adjacentes a este homem poderoso em particular, não desistiria facilmente. Atirou um sorriso de esguelha a Clayborn.

— Em South Bank isso é a mesma coisa, duque. Mas aqui regemo-nos por regras simples. Quem acha, guarda.

Com isto, correu novamente, saindo a grande velocidade do beco — em direção às docas.

Ele, obviamente, seguiu-a.

— É privado — disse mantendo-se a par dela, as palavras saindo como uma tortura, parecendo ressentido por ter de as dizer. Claro que se ressentia. Este não era um homem que se dignasse partilhar com uma pessoa vulgar como Adelaide.

— Até aí é claro, ou o senhor não andaria furtivamente num armazém bem guardado a brincar aos mascarados. — Lançou-lhe

um olhar rápido. — Como pode ter acreditado que não seria detetado?

Ele passou uma mão pela barba.

— Perdoe-me se não sou tão hábil a disfarçar-me como a menina. — Contemplou-a friamente, da cabeça aos pés, embora Adelaide não se sentisse muito fria sob o seu escrutínio. — Pensou que podia simplesmente entrar ali, roubar o chefe de um dos gangues mais poderosos de Londres, e escapar?

— De facto, era precisamente isso que estava a fazer até o senhor me estragar a tarde.

— Eu estava a protegê-la! — gritou ele, tão irritado como ela.

Algo vibrou dentro de Adelaide ao ouvir aquelas palavras, severas e diretas, e deu por si a perguntar-se quando fora a última vez que se deparara com os instintos protetores de um homem. Pela sua experiência, os homens deixavam-na safar-se sozinha. Franca-mente, não sabia bem qual seria a sensação da alternativa. Estranha. Quente.

Mas *nunca* o admitiria.

— A sério? E como correu? A sua proteção?

— Por acaso não reparou que derrubei vários homens grandes como casas? Ou precisa de óculos novos?

Adelaide ajustou a peça citada, fazendo-a subir pela cana do nariz, e virou à direita, depois rapidamente à esquerda, deslizando para outro beco.

— A minha visão é impecável. — Estava a ficar cansada. As saias eram pesadas e rígidas — mais uma forma de o mundo condicionar as mulheres. Descaiu uma mão para a cintura, onde tinha várias fitas de seda amarradas.

Ele seguiu-a, mantendo-se sem dificuldade a par dela.

— E o que é que... ia utilizar numa casa cheia de rufias depois de os roubar? — Apontou o cubo debaixo do braço dela. — Fraca escolha de arma.

Ela tinha de se afastar dele. Ele via demasiado. Perguntava demasiado. Devia dar-lhe a caixa e libertar-se dele — era aquilo que ele queria, e a ela não fazia propriamente falta. Só trouxera a caixa porque a intrigara.

O problema era que agora, sabendo que lhe pertencia, intrigava-a ainda mais.

O que era tão irritante como ele, francamente. Enfiou a caixa debaixo do braço e aumentou a velocidade.

— Uma rapariga tem de se desenrascar nestes tempos modernos. Lamento muito, duque, mas tenho de ir a um sítio e não tenho tempo para... si.

Com um puxão, arrancou o último colchete das suas insípidas saias cinzentas, que voaram atrás dela, revelando um par de calças justas, azul-marinho, adornadas com um coldre apertado para a faca e botas altas de couro, libertando-a para uma velocidade sem entraves.

Atrás dela, ele emitiu um som de completa surpresa, e ela teve uma enorme vontade de se virar para ver o choque no seu rosto severo. Resistindo à tentação, Adelaide introduziu-se numa reentrância estreita mais à frente, grata pelo elemento surpresa e pela velocidade adicional que a perda das saias lhe fornecera... ganhara terreno suficiente para derrubar uma pilha de caixotes e deixar para trás o seu cavalheiro desavergonhado.

Não *seu*, propriamente. Ela não queria ter nada que ver com ele.

O palavrão dele seguiu-a — mas ele não.

Triunfante, Adelaide irrompeu da escuridão para o sol de fim de tarde de um Tamisa atarefado, a maré alta e apinhada de barcos e pessoas correndo de um lado para o outro, para acabarem o seu trabalho antes de escurecer. Olhou a montante, aliviada. Afinal, conseguiria comparecer ao seu encontro.

Abandonou o passo, tirando o casaco e a touca, que atirou para trás de uma pilha de caixotes de madeira, e enfiou a caixa de rapé e o livro de Alfie no bolso das calças antes de pôr um boné que tinha preso à cintura. Puxando a pala para os olhos, baixou as ancas e alargou a passada. A mulher de roupa discreta desaparecera, substituída por um vulgar trabalhador das docas, alto e magro e encaminhando-se para a margem do rio, novamente invisível.

Saltou da margem do rio para a embarcação mais próxima — carregada com uma pilha alta de carvão. Soou o grito surpreendido de um dos homens no extremo do barco, mas Adelaide já saltara para o barco seguinte, carregado com um monte de sacas de argamassa.

Não havia tempo para isto. Não havia tempo para ser perseguida pelos Bully Boys. E certamente não tinha tempo para pensar em queixos bem definidos e duques que saltavam para a refrega.

Não tinha tempo para homens que a distraíam e *causavam* a refrega.

Outro salto. Outro barco, este já sem carga. Não havia trânsito como o do Tamisa na maré alta. E também não havia melhor lugar para desaparecer. Adelaide aprendera isso ainda jovem.

Aninhou-se atrás de uma alta torre de caixotes e consultou o relógio antes de olhar a jusante.

A embarcação de fundo chato balançou quando alguém aterrou no convés.

Adelaide imobilizou-se, retirando a faca da liga na coxa e pousando a carga no chão. Raios! Durante uma vida inteira, fora capaz de desaparecer numa multidão e, de repente, perdera essa capacidade.

O Duque de Clayborn, não sabia como, destruía-lha — como se, ao reparar nela, tivesse feito com que o resto do mundo também a pudesse ver.

Ajustou a mão na faca e pôs-se à escuta, tentando distinguir os passos pesados do seu perseguidor sobre os sons do trabalho no rio.

Espreitou por detrás dos caixotes.

— Raios — murmurou para si mesma antes de focar os olhos nele, alto e forte e em excelentes condições, tendo em conta que andara em brigas nas docas nos últimos três quartos de hora.

— Falhou a curva para Westminster, duque.

— Hum — disse ele, o som gutural na sua garganta e bastante delicioso, se Adelaide quisesse admitir a verdade. Ela não devia gostar daquilo. Ele era o Duque de Clayborn. Passara um ano a não gostar dele.

Ele avançou para o esconderijo dela e pegou no cubo aos seus pés.

— Roubar é um crime.

— Vai chamar o magistrado?

— Não — respondeu ele em surdina. — Mas o que é que pretendia roubar?

Ele estava bastante perto para lhe tocar, e Adelaide sabia que devia afastar-se. Mesmo que ele não fosse um duque, ainda havia luz do dia e metade do Tamisa podia vê-los.

Mas ninguém no Tamisa estava a observá-los.

— Quem disse que eu estava a roubar alguma coisa?

Havia algo nele. Naquilo. Algo louco, livre e excitante... e perigoso. Ele aproximou-se mais, as palavras baixas e sombrias quando continuou.

— Não precisa de admitir. Reconheço uma ladra quando a vejo.
— Estendeu a mão para ela, e ela susteve a respiração, perguntando-se onde é que a tocaria. Qual seria a sensação do couro da luva dele na sua pele.

Mas ele não lhe tocou. Em vez disso, falou baixinho.

— Ruiva.

Por um momento, ela não compreendeu, e então sentiu um puxão na têmpora, onde um caracol de cabelo tinha escapado. Levantou a mão, batendo na dele e entalando o caracol atrás da orelha.

Ele observou os movimentos, com uma expressão indecifrável, e Adelaide ruborizou com a sua descoberta e a súbita compreensão de que ele estava perto e quente e cheirava a lavado, como limão — um cheiro que não vinha de South Bank.

Não era um cheiro para Adelaide.

Adelaide Frampton era uma mulher para os dias de trabalho, e compreendia muito bem o que aquilo significava. O que podia reivindicar. Este homem não era para ela, o que o tornava uma cruel tentação, como os doces, as bolsas e os relógios de bolso. Como tudo isso combinado. Demasiado para uma ladra resistir.

Então inclinou o rosto para cima e roubou-o. Por um momento. Um segundo.

Tencionando devolvê-lo.

Mas não foi um segundo. Oh, podia ter sido, quando ele ficou paralisado, tenso, no momento em que os lábios dela tocaram os seus. Inspirou — a respiração dela — e ela perguntou-se se teria cometido um erro. Perguntou-se se ele iria segurá-la por um braço e empurrá-la.

Não ficaria surpreendida. Beijar em plena vista de Londres não era para Adelaide Frampton, rapariga insignificante e feia. Nem para Addie Trumbull, lenda inimaginável.

Porém...

Quando ele lhe pôs uma mão em cima — segurando firmemente o cubo de madeira na outra — não foi para a empurrar.

Oh, por um momento ela sentiu a hesitação no seu aperto, como se ele estivesse a ponderar. Mas depois... assumiu o comando.

O seu braço forte enrolou-se-lhe na cintura, prendendo-a de encontro a si enquanto levava a mão ao seu rosto, roçando-lhe a linha do queixo com o polegar enluvado que foi subindo numa carícia pela bochecha, ao mesmo tempo que lhe virava a cara para ter um melhor acesso à sua boca.

De repente, parecia muito que ele era o ladrão e ela era o prémio.

E ali, nas margens do rio Tamisa, com toda a população trabalhadora de Londres a assistir, Adelaide deixou-o roubar, cedendo àquele beijo que ela iniciara e a que ele correspondera — um beijo como nenhum que já experimentara.

Aquele homem severo e inflexível beijava como um sacana treinado e de nível superior.

Não que Adelaide se queixasse.

Ao invés, pressionou-se mais contra ele, pondo-lhe uma mão no peito, quente e mais largo do que parecia dentro do colete e da camisa. Ela suspirou ao sentir a sua respiração. Ao sentir o pesado tufo de barba que lhe tornava áspera a linha do queixo. Ao sentir os seus lábios, cumprindo a tentação que tinham prometido.

Ele tirou partido daquele suspiro, gratamente, roçando a língua sobre os seus lábios abertos, sugando-lhe o lábio inferior entre os seus, provocando-o com os dentes antes de o acalmar com a língua e lamber dentro dela — só uma vez, como se soubesse que não devia. Como se não conseguisse resistir.

Tal como Adelaide sabia que não devia.

Tal como Adelaide não podia resistir.

Que se danasse a luz do dia; que se danassem as docas; que se danasse o duque.

Um sino soou à distância.

Raios.

Ela pôs fim ao beijo mal ouviu o som, e ele soltou um gemido de desprazer do fundo do seu peito, enquanto perseguia os lábios dela por um instante, como se o seu recuo tivesse sido um erro.

De certeza que parecia ter sido um erro.

Porque, de repente, ele não parecia muito um duque.

Talvez fosse o pôr do Sol — a forma como a luz dourara todo o rio, roubando a realidade e não deixando mais que este homem,

que curiosamente era muito mais do que um duque engomado e desagradável. Alto, impossivelmente bonito e que a beijava como se não tencionasse parar, nunca.

O que, para ela, estaria muito bem.

Adelaide ajeitou os óculos, entortados pelo abraço, e perguntou-se se estaria a enlouquecer, porque tinha na ponta da língua a sugestão de ele não parar, quando ele disse:

— Eu não devia ter feito isto.

A luz mudou, trazendo a realidade de volta, juntamente com a desagradável confirmação do que Adelaide sempre soubera. Que ela era Adelaide Frampton, e ele era o Duque de Clayborn, e o que quer que aquilo fosse... era um enorme erro. Para ambos. Um erro que, se fosse descoberto em Mayfair, arruinaria mais do que as perspectivas de Adelaide em relação a convites para jantares.

Felizmente, ela tinha uma forma infalível de manter o homem calado.

Passou as pontas dos dedos pelos lábios dele, agradada pela forma como ele fechou os olhos ao toque, as suas pestanas negras impossivelmente longas.

— Não — disse ela baixinho, quase triste. — Não devia. — E então libertou-se do seu abraço, passando a mão pelos músculos fortes do seu antebraço até à curiosidade de madeira nas suas mãos — a que ela já roubara e, por conseguinte, era por direito sua.

Tirando partido da surpresa dele, reclamou-a e saltou para a amurada da barcaça, enquanto as águas negras e revoltas do Tamisa corriam, ameaçadoras, alguns metros mais abaixo. Mesmo sem as suas saias, o rio levá-la-ia.

— Que... — A pergunta dele transformou-se num grito rouco quando ela saltou. — Não! Adelaide!

Ela aterrou no convés de um pequeno barco de rio quando ele gritou a última palavra. O homem de ombros largos ao leme do seu novo transporte afastou-se do outro barco com um longo pau, pondo demasiado rio entre ambas as embarcações para alguém a poder seguir.

Mesmo um homem com pernas tão compridas como as de Clayborn.

Ela agradeceu com um aceno ao capitão do barco e este inclinou o chapéu na sua direção. Nenhum disse o nome do outro. Havia demasiados pares de olhos atentos sobre o rio.

E, em particular, um par lá em cima.

Ele chamara-lhe Adelaide.

Adelaide mergulhou sob o toldo que protegia o resto do barco do mundo em geral. Precisou de todas as suas forças para resistir a olhar para trás. Para se impedir de confirmar que ele estava a vê-la.

Para sentir a sua atenção mais uma vez.

Era bom ser notada.

Uma Ladra Tentadora

Nascida e criada entre os mais famosos criminosos de Londres, Adelaide Frampton vê-se subitamente, por um acaso do destino, nos esplendorosos salões de Mayfair, onde se faz passar por jovem tímida — de tal modo discreta e desinteressante que ninguém se apercebe de que ela é, na verdade, a Quebra-Casamentos... Recorrendo às suas habilidades exímias de ladra, ajuda noivas hesitantes a evitarem o altar.

Um Duque Poderoso

Henry, Duque de Clayborn, passou a sua vida a almejar a perfeição. Não tem tempo ou paciência para as intrigas que parecem fascinar toda a corte sempre que um noivado falha ou algo de inesperado acontece. A sua reputação é intocável e a última coisa de que precisa é de uma mulher a tentar desenterrar a verdade sobre o seu passado e os segredos que ele tanto procura esconder.

Uma União Perfeita

Quando ambos se veem juntos numa demanda alucinante pela Grã-Bretanha com o intuito de impedirem um casamento, torna-se impossível para Henry resistir aos encantos daquela mulher que não cessa de o enfurecer... e apaixonar.

«Inteligente, apaixonado e muito quente.»




Library Journal

DA MESMA AUTORA:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896238728



9 789896 238728 >